



Universidade de Brasília

Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Gestão Escolar

**ESCOLA SERIADA X ESCOLA EM CICLO:
Desafios da práxis pedagógica para a implantação do segundo ciclo
Escola Classe Sucessos.**

Neli dos Santos

Professor-orientador Dr. Erisevelton Silva Lima
Professora -orientadora Mestre Silêda Maria de Holanda Almeida

Brasília (DF), Julho de 2014.

Neli dos Santos

**ESCOLA SERIADA X ESCOLA EM CICLO:
Desafios da práxis pedagógica para a implantação do segundo ciclo
Escola Classe Sucessos.**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Gestão escolar como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob orientação do Professor-orientador Dr. Erisevelton Silva Lima e da Professora orientadora Mestre Silêda Maria de Holanda Almeida

TERMO DE APROVAÇÃO

Neli dos Santos

ESCOLA SERIADA X ESCOLA EM CICLO: Desafios da práxis pedagógica para a implantação do segundo ciclo Escola Classe Sucessos.

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar pela seguinte banca examinadora:

Dr. Erisevelton Silva Lima
FE/UFSC
(Professor-orientador)

Mestre– Silêda Maria de Holanda Almeida
UnB/SEEDF
(Professora-orientadora)

Profa. Mestre Abigail do Carmo Levino de Oliveira – SEEDF/UnB
(Examinadora externa)

Brasília, 26 de julho de 2014.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos gestores da Escola Sucessos e aos colegas de trabalhos que me deram apoio para mais esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me proporcionar fazer este curso de especialização, aos meus colegas de trabalho pela força e apoio para não desistir, as minhas filhas e meu conjugue pela compreensão nos momentos de convívio familiar que precisei me retirar para os estudos.

EPÍGRAFE

O aluno é como uma pequena semente que deve ser plantada e cuidada para germinar e dar bons frutos. O professor é como o agricultor que vê na semente a esperança que proverá as necessidades da sociedade.

Luis Alves

RESUMO

Com a implantação do segundo ciclo de ensino formada pelo 4º e 5º anos em 2013, gerou um desconforto entre os docentes da escola classe sucessos. Este trabalho busca entender quais foram às razões que levaram os docentes desta escola a não aceitar a continuidade do segundo ciclo de ensino para o ano de 2014. Na literatura pesquisada, busca-se descrever os elementos fundamentais propostos para a transformação do sistema de ensino seriado em sistema de ensino em ciclo; comparar as estratégias pedagógicas da seriação com a prática no sistema de ensino em ciclo; e relacionar algumas implicações relevantes para adesão do segundo ciclo. O presente estudo é resultado de uma pesquisa com dezessete professores e três coordenadores pedagógicos, na qual os citados responderam um questionário com perguntas de múltiplas escolhas, perguntas fechadas e com questões para justificar a resposta. As perguntas foram relacionadas entre às diferenças praticadas no sistema de ensino seriado e no sistema de ensino em ciclo e referente à aceitação do segundo ciclo pelos docentes. Conclui-se que em primeira instância a forma como aconteceu às mudanças do sistema seriado para a implantação do sistema em ciclo, não foi a forma mais apropriada para a plena aceitação dos docentes da escola. Portanto, cabe aos gestores da escola e aos coordenadores locais e regionais criarem meios de participação e canais abertos de discussões, permitindo aos professores uma compreensão mais aprofundada dos elementos necessários e das práticas pedagógicas a serem utilizadas para a implantação do segundo ciclo de ensino.

Palavras-chave: Seriação/ciclos. Insatisfação. Implantação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – OS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A TRANSFORMAÇÃO DO SISTEMA SERIADO EM CICLOS	13
A) Elementos fundamentais para inserção dos ciclos	13
B) Princípios organizadores da escola em ciclos	16
C) Gestão democrática e escola em ciclos	17
CAPÍTULO II – A PRÁXIS PEDAGÓGICA DA SERIAÇÃO O SISTEMA DE ENSINO EM CICLOS	18
A) Organização do tempo escolar	19
B) Organização do espaço escolar	19
C) Organização do trabalho pedagógico	19
D) Progressão continuada	20
E) Reagrupamento	20
E.1) Reagrupamento interclasse	21
E.2) Reagrupamento intraclasse	22
F) Projeto interventivo	25
G) Avaliação	26
CAPÍTULO III – IMPLICAÇÕES RELEVANTES PARA ADESÃO DOS CICLOS	28
A) Implicações pedagógicas	29
B) Obstáculos	31
C) Desvantagens para uma escola em ciclos	32
D) Vantagens para uma escola em ciclos	33
CAPÍTULO IV- METODOLOGIA	34
A) Tipo de pesquisa	34
B) Sujeito da pesquisa	34
C) Instrumento/procedimento para coleta de dados	35
D) Universo da pesquisa	35
E) Análise dos dados	35
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE	48

INTRODUÇÃO

A Escola Classe Sucessos pertence à rede de ensino pública do Distrito Federal. Sua construção propiciou o ingresso dos estudantes da comunidade local, favorecendo que os mesmos pudessem estudar mais perto de casa, sem precisar atravessar avenidas com grande movimento de veículos.

Cabe lembrar que, no decorrer desses anos, a escola conquistou, com a participação de educadores, pais e voluntários, diversas premiações tais como: 3º lugar no Prêmio Assis Chateaubriand (redação de alunos); o 5º lugar na Prova Brasil na cidade satélite em que está localizada, em 2005; em 2009, classificou-se em 10º lugar no IDDF (Índice de Desempenho Educacional do Distrito Federal); o que deixa clara a intenção de que o que se almeja é aprimorar, a cada dia, o atendimento à clientela e melhorar a qualidade de trabalho.

Para que o relacionamento entre escola e comunidade seja mais interativo, a Escola Classe Sucessos tem buscado, ao longo de sua história, melhorar a qualidade de ensino, no que se refere ao amplo desenvolvimento do aluno, reduzindo a repetência e o índice de evasão escolar, pesquisando e aplicando novos procedimentos pedagógicos, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 - LDBen, os Parâmetros Curriculares Nacionais, os Elementos Conceituais e Metodológicos para Definição dos Direitos de Aprendizagem e no Currículo em Movimento e das Escolas Públicas do Distrito Federal. Para tanto, tem buscado despertar nos pais o hábito de participar mais da vida escolar de seu filho ou filha.

Esta Instituição de Ensino é mantida por recursos provenientes da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, PDAF – Programa de Descentralização Administrativa e Financeira; pelo Fundo de Desenvolvimento da Educação: PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola e PDDE – Mais Educação, além de eventos realizados na escola.

Em relação ao atendimento à família, a escola tem acompanhado seu educando com um olhar especial, contando com o Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem, o Serviço de Orientação Educacional e a Sala de Recursos, além de

oferecer programas como Educação Integral/Mais Educação e CID – Centro de Iniciação Desportiva de Voleibol.

A comunidade atendida por esta Instituição de Ensino, em geral, é de baixo e médio poder econômico. Os pais têm razoável grau de instrução e pouquíssimos alunos não tem acompanhamento e orientação da família. Em sua maioria, os familiares participam das reuniões bimestrais e eventos festivos, porém percebe-se significativa ausência em palestras e avaliações institucionais.

O entorno da escola é composto por residências, escolas particulares, comércios e igrejas. As ruas são pavimentadas, possuem coleta de lixo diária e saneamento básico. Os alunos são provenientes da comunidade e demonstram ter acesso ao lazer e à internet. Atendemos 620 alunos de 4 a 13 anos e sua maioria encontra-se na faixa etária adequada para o ano correspondente.

Nota-se que os alunos demonstram interesse pela experimentação do novo, pela aquisição do conhecimento, por meio do concreto e da ludicidade e busca a interação entre aluno-aluno e professor-aluno. A escola procura atender às expectativas da comunidade, proporcionando uma educação de qualidade, em que o aluno é prioridade em todos os aspectos, tanto cognitivo, quanto comportamental, objetivando contribuir com a formação integral do educando.

Os alunos são inseridos por meio do Serviço Online 156 do Governo do Distrito Federal, pelo remanejamento interno e pelas vagas remanescentes. Apesar do empenho, a escola apresenta algumas limitações em decorrência dos poucos recursos humanos, principalmente no que se refere à falta de agentes de gestão e conservação e limpeza, agentes de gestão e vigilância e auxiliares de portaria. A estrutura física é inadequada para atendimento aos alunos da Educação Integral, pois não tem refeitório apropriado, não dispõe de salas para atender os Macrocampos; quanto aos alunos portadores de deficiência física o acesso as dependência da escola, é dificultado por falta de estrutura como: ausência de rampas, necessidade de piso uniforme e banheiros adaptados. A educação infantil carece de ambientes adaptados.

Com relação à aceitação da escola, pela comunidade, essa se dá de forma bem abrangente, já que demonstra interesse e satisfação em manter seus filhos nesta Instituição.

Justificativa:

O sistema de ensino do Distrito Federal tem passado por diversas transformações: Mudanças do Ensino Fundamental de 8 anos para 9 anos e implantação dos ciclos, visando resgatar uma educação pública de qualidade e democrática, onde o indivíduo tenha a perspectiva de acesso e permanência.

A proposta de implantação da educação em ciclos vem possibilitar a compreensão e questionar nossos saberes e nossas práticas pedagógicas e administrativas, considerando ainda, maior tempo para o aluno atingir as competências e habilidades necessárias ao processo de ensino aprendizagem, por meio da sequência de conteúdos ofertados em cada disciplina/ano.

Pela insatisfação gerada no grupo de professores da escola com relação à implantação do segundo ciclo, o tema me chamou a atenção para investigar qual a causa do desconforto gerado entre os docentes. Diante do exposto quis pesquisar mais para entender e buscar possíveis soluções para a resolução do problema de forma mais amistosa e harmoniosa.

Problema:

Quais são os elementos causadores de insatisfação dos docentes para aderir ao segundo ciclo?

Hipótese:

Os transtornos gerados pela falta de conhecimento sobre os ciclo gerou insatisfação e desafios na sua implantação. O processo proposto de maneira repentina, não proporcionou o planejamento de estratégias necessárias que

favorecessem o processo de transformação da seriação em ciclo. A progressão continuada gerou insatisfação em professores por julgarem ser importante reprovar alunos com déficit de aprendizagem.

Objetivos:

- Identificar os elementos fundamentais necessários para implantação do segundo ciclo na Escola Classe Sucessos.

Objetivos Específicos:

- Descrever os elementos fundamentais propostos para a transformação do sistema seriado em segundo ciclos.
- Comparar as estratégias pedagógicas da seriação com a prática no sistema de ensino em ciclos.
- Relacionar algumas implicações relevantes para adesão dos ciclos.

REFERENCIAL TEÓRICO

CAPÍTULO I – OS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PROPOSTOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DO SISTEMA SERIADO EM CICLOS.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN Nº 9394/96) em seu artigo 23 diz:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Com base neste artigo, a organização da escola em ciclos torna-se uma realidade. A escola em ciclos busca superar o fracasso escolar expresso pelos altos índices de reprovação identificados na seriação, a evasão escolar e os alunos em situação de distorção idade/série (causados em decorrência das reprovações, evasões e ingresso tardio na escola). Contudo, há uma grande resistência manifestada pelos professores relacionados à adoção dos ciclos por associarem o ensino em ciclos como queda da qualidade do ensino.

Para Alavarse (2009), não há um modelo rigoroso de organização do ensino em ciclo a ser seguido. As estratégias utilizadas no ciclo favorecem as práticas pedagógicas, visando o direito de acesso e permanência do aluno na escola conforme a legislação, tensionado o máximo de aproveitamento escolar e o direito de almejar o sucesso. No entanto, essa transformação precisa ser entendida como um processo longo, onde as condições qualitativas desse sistema de ensino serão alcançados e ampliados ao longo dos anos.

a) Elementos fundamentais para inserção dos ciclos

Para Mainardes (2009), a escola em ciclo está comprometida com a transformação do sistema educacional, baseado na justificativa de que sua implementação está ligado diretamente a uma escola democrática, não seletiva e não excludente. Diversas justificativas e fundamentações têm sido apontadas para a

constituição de uma política real para a escola em ciclos. Essas justificativas são baseadas na filosofia, na política, na psicologia, na antropologia e na sociologia.

As justificativas filosóficas e políticas descritas por Minardes (2009) indicam a organização da escola em ciclos como uma modalidade de organização que permite a ampliação do direito à educação, contribui para a democratização da educação e torna possível romper com as práticas de exclusão dentro da instituição de ensino. Segundo Gomes (2004, p. 156), a opção pela reprovação escolar não é apenas um procedimento metodológico, mas expressa determinada visão de homem, mundo e sociedade. Continuando, Gomes (2004), um sistema educativo que se compromete com um conceito amplo e democrático deve utilizar todos os esforços individuais e coletivos para promover a aprendizagem significativa de todos os alunos, pois “a aprendizagem significativa dos saberes difundido pela escola é uma das condições necessárias para que os indivíduos vivam bem individual e coletivamente”.

Na visão de Mainardes (2009), a fundamentação psicológica evoca diversos aspectos para a escola em ciclos:

- a aprendizagem é um processo contínuo e progressivo que não se restringe ao tempo de um ano letivo apenas;
- a escola precisa atender as diferenças individuais no processo de aprendizagem;
- a eliminação da reprovação e a possibilidade de progressão na aprendizagem contribuem para a preservação da autoestima dos alunos;
- o fato de as classes tornarem-se mais heterogêneas (diversidade) permite a ampliação das possibilidades de interação na sala de aula;
- a escola em ciclo permite alterar o foco da transmissão do conhecimento para a construção, na qual os alunos podem assumir um papel mais ativo.

No aspecto da natureza antropológica diversos autores tem fundamentado a escola em ciclos. Arroyo (2003, p. 2) refere-se à noção de temporalidade humana, defendendo que a função da escola e de toda instituição educativa é dar conta do desenvolvimento pleno dos estudantes. Para ele, o processo de formação humana passa por tempos diferentes: tempo de infância, de adolescência, de juventude, de vida adulta. Desta forma a ideia de ciclo é “ciclo de vida, é tempo de vida, temporalidade da formação humana.”

Compreendendo a lógica temporal do sistema escolar, passamos a entender os problemas que levam ao fracasso e à evasão escolar ocorridos na escola seriada e, conseqüentemente a organização dos tempos e espaços dos docentes e dos alunos gira em torno dos conteúdos transmitidos em caráter precedente e acumulativo, isto é, um conteúdo precede ao outro e determina a ordem estabelecendo a organização dos bimestres e séries. Neste estilo de organização (escola seriada) se os alunos não absorverem os conteúdos transmitidos num mesmo tempo e não aprenderem os conteúdos de todas as disciplinas serão considerados reprovados. Nesta concepção, para Arroyo (2004), o currículo é considerado fragmentado, classificatório, excludente e homogeneizador, os quais instituídos na escola seriada têm como consequência o conhecimento, os espaços e as relações limitados.

Para Arroyo (2004), o aspecto antropológico da escola em ciclos reconhece a pluralidade, a diversidade cultural como característica a ser considerada e incorporada na dinâmica pedagógica, nas relações de ensino, nas propostas curriculares, na organização do trabalho pedagógico e em todas as dimensões do trabalho educativo. Para o atendimento a essa diversidade, o currículo precisa ser formulado e desenvolvido de maneira flexível para dar conta do pluralismo social e cultural que possa caracterizar a comunidade escolar.

Já no sentido sociológico Mainardes (apud SACRISTÁN, 2009), os ciclos contribuem para tornar a escola menos seletiva, acolhendo os diferentes grupos sociais. Ao acolher a diversidade, independente da condição social, gênero, capacidade, credo religioso, etc. A escola e os educadores são desafiados a identificar as possibilidades pedagógicas e políticas que possam garantir aos alunos a permanência na escola, o desenvolvimento pleno de suas capacidades, a apropriação do conhecimento escolar gerando perspectivas futuras para os alunos.

Em decorrência dos fundamentos explicitados, a organização da escolaridade em ciclos defende os seguintes princípios, conforme Mainardes (2009, p. 19-20.):

- 1- A garantia da continuidade e progressão da aprendizagem, como um processo contínuo que dispensaria a reprovação ou interrupção desnecessárias;
- 2- A reprovação e os degressos anuais (séries convencionais) devem ser substituídos pela progressão contínua dos alunos;
- 3- Os objetivos a serem atingidos no final de cada ciclo precisam ser definidos, mas os alunos poderão seguir trajetórias diferenciadas no decorrer do ciclo, pois cada aluno ou grupos de alunos tem ritmos e necessidade de aprendizagens diferenciadas;
- 4- A avaliação classificatória (baseado em notas, classificação, aprovação ou reprovação) precisa ser substituída pela avaliação contínua e formativa. A avaliação é utilizada para acompanhar a aprendizagem e planejar as intervenções necessárias;
- 5- Além da avaliação formativa, propõe-se a pedagogia diferenciada com mudanças dos métodos de ensino e o trabalho coletivo dos professores de um mesmo ciclo, buscando atender os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos numa mesma classe.

b) Princípios organizadores da escola em ciclos

Conforme registro no currículo em movimento da Educação Básica do Distrito federal (2013, p. 55), na organização escolar em ciclos, o tempo escolar são flexíveis e definidos de forma linear. A aprendizagem é contínua para todos os estudantes e visam atender suas necessidades no processo de ensino. Mesmo com formação de turma e com professor regente vinculado a esta turma, os alunos não ficam restritos apenas ao trabalho da turma x, os alunos podem se movimentar dentro do bloco de uma turma a outra ou do próprio ciclo durante o ano letivo. Na perspectiva da progressão continuada prevista na LDBEN 9.349/96, no Art. 24, e que pressupõe.

[...] a maneira de organizar e conduzir a escola de modo que cada estudante desenvolva em seu trabalho escolar o que lhe é adequado. Essa organização baseia-se na ideia de que sua aprendizagem é contínua; que ele não deve repetir o que já sabe; e não deve prosseguir os estudos tendo lacunas em suas aprendizagens (VILLAS BOAS, PEREIRA E OLIVEIRA, 2012, P.9).

A formação de turmas na seriação difere na formação dos ciclos, não só na organização dos conteúdos em áreas do conhecimento mais também na substituição da nomenclatura do sistema de seriação convencional. (CURRÍCULO EM MOVIMENTO DF, 2013).

- Primeiro Ciclo (Educação Infantil)
 - 0 a 3 anos (creche)
 - 4 e 5 anos
- Segundo Ciclo (Ensino Fundamental I)
 - Bloco I (BIA – 6, 7 e 8 anos).
 - Bloco II (4º e 5º anos)
- Terceiro Ciclo (Ensino Fundamental II)
 - do 6º ano ao 9º ano
- Quarto Ciclo (Ensino Médio)
 - Semestralidade

O sistema educacional recebe influências sociais e econômicas que interferem na manutenção e organização da estrutura seriada. Vasconcelos (2004, p. 135), descreve esta estrutura como: “elitista, autoritária, opressiva. Baseando-se no paradigma cartesiano-newtoniano, de cunho positivista e simplista (determinismo, relação linear de causa e efeito)”. O sistema de seriação privilegia os saberes pronto, indiscutíveis, com fim em si mesmo. As avaliações são de características classificatórias, definitivas para aprovação ou reprovação, tornando-se includente e excludente.

Para Jacomini (2009), a proposta de organização do ensino em ciclos está respaldada nas teorias sobre o desenvolvimento e aprendizagem numa visão linear em tempos predeterminados. Os ciclos propõem uma nova forma de organizar os conteúdos, os procedimentos metodológicos, as avaliações e os tempos de aprendizagem, resguardando os ritmos diferenciados e características dos processos de aprendizagem humana.

c) Gestão democrática e escola em ciclos

A democratização da escola no sentido de um ideal, exige observar todas as suas implicações. Na escolarização em ciclos o acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos evidencia aspectos fundamentais a serem identificados pela gestão escolar. Para Vieira (2007, p. 68) uma gestão bem sucedida é aquela voltada para a aprendizagem de todos os alunos e é preciso uma “vigilância permanente e cuidados sobre os processos de produção e difusão do saber na escola”. Portanto, cabem aos formuladores de políticas e gestores concentrar esforços “na tarefa de fazer chegar às escolas os instrumentos para

operacionalizarem o desafio do sucesso do ensino e da aprendizagem.” (VIEIRA, 2007, p. 68).

A política de ciclos tem um potencial para criar um sistema educacional mais democrático e menos seletivo. Conforme Jacomini (2009) ele desafia a seletividade e as desigualdades do sistema seriado e oportuniza engajar os professores no processo de criação para uma educação que se oponha as desigualdades sociais. E finalmente a implementação da política de ciclos pode ser considerada uma alternativa para criação de um sistema democrático, não seletista.

CAPÍTULO II – A PRÁXIS PEDAGÓGICA DA SERIAÇÃO X O SISTEMA DE ENSINO EM CICLOS.

Na práxis pedagógica crítica, reflexiva e criadora, teoria e prática juntas ganham um novo significado. Tanto a teoria como a prática, torna-se uma só unidade isolada assumindo um caráter absoluto. Para Vázquez (1997) na junção da teoria com a prática e preciso considerar a autonomia e a dependência de uma com relação à outra. A teoria tem autonomia relativa e a prática assume o papel de instrumento teórico. Com a junção da teoria-prática privilegiamos as estratégias que promovam a reflexão crítica, sintética, analítica e com aplicação de conceitos voltados para a construção do conhecimento permeados por incentivos constantes do raciocínio, da problematização, dos questionamentos e dúvidas.

Na organização da escola em ciclo a instituição deve rever a proposta de organização do tempo, do espaço, do conteúdo, da metodologia, da avaliação e as relações escolares buscando superar o fracasso escolar. O fazer acontecer da dessa reorganização implica em mudanças do sistema tradicional de ensino para uma nova concepção de funcionamento da escola. (JACOMINI, 2009)

Para Perrenoud (2000), a adoção de ciclos compartilha responsabilidades individuais e coletivas, sendo o trabalho pedagógico coletivo previsto no projeto político pedagógico da escola, condição para sua implementação. A coordenação pedagógica privilegia o desenvolvimento da colegialidade ao focalizar o planejamento, acompanhamento e avaliação das estratégias pedagógicas previstas

para os ciclos. Portanto a escola deve reorganizar o tempo, o espaço, o conteúdo, a metodologia, a avaliação e as relações escolares buscando a superação do fracasso escolar. Para ocorrência dessa reorganização escolar, implica em mudanças no conceito tradicional de educação, na concepção e no funcionamento da escola (JACOMINI, 2009).

a) Organização do tempo escolar

A organização dos ciclos requer mudanças relacionadas na forma fragmentada, linear e direcionada à dimensão quantitativa apresentada na seriação. Na dimensão de tempo a escola encontra-se organizada em cinco horas aulas, com tempo fragmentado para: tempo de recreação; tempo de alimentação escolar, tempo de leitura (SILVA, 2011).

Na organização temporal da escola em ciclos, a ordenação do conhecimento se faz em espaços de tempos maiores e flexíveis, o que favorecem o trabalho pedagógico diversificado e integrado, necessário em qualquer sistema de ensino democrático, que inclui estudantes de diferentes classes sociais, estilos, e ritmos de aprendizagem. Os ciclos oferecem ao professor e à escola a possibilidade de promover as aprendizagens de todos os sujeitos. (ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS, SEE/DF, 2013).

b) Organização do espaço escolar

De acordo com Escolano (2001, p. 26), “o espaço escolar tem de ser analisado como um constructo cultural que expressa e reflete, para além de sua materialidade, determinados discursos, [...], é um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem”. O projeto político pedagógico da escola torna-se um elemento considerável de enfrentamento para organização do tempo e do espaço escolar.

c) Organização do trabalho pedagógico

Conforme descrito no Currículo em movimento do DF (2013), o trabalho pedagógico no sistema de ciclos escolar é mais flexível e em tempos maiores, o que

favorecem o trabalho pedagógico diversificado e integrado necessário em qualquer sistema de ensino democrático, garantindo o acolhimento das diferentes classes sociais e estilos e, contribuindo para o andamento de aprendizagem em seus diversos estilos e ritmos. A construção do trabalho pedagógico deve ser organizada de maneira que envolva todo o grupo da instituição escolar, garantido além do acesso e permanência, a aprendizagem dos discentes. Para Perenoud (2000), a adoção de ciclos compartilha responsabilidade individual e coletiva, sendo o trabalho pedagógico coletivo previsto no projeto político-pedagógico da escola, as condições necessárias para sua implantação. A coordenação pedagógica, espaço privilegiado de desenvolvimento da colegiabilidade reveste-se de significado ao focalizar o planejamento, acompanhamento e avaliação das estratégias pedagógicas previstas para os ciclos. A perspectiva é de reorganização do tempo-espaço escolar com estratégias didático-pedagógicas.

d) Progressão continuada

A progressão continuada está prevista na LBDEN Nº 9394/96 no art. 32, IV, lê-se

&1º É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos.

&2º Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo ensino e aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.

O papel da progressão continuada tem com função fazer com que o aluno não sai da escola sem ter aprendido o que foi proposto para cada dia ou sem que tenha marcado o próximo encontro para que suas necessidades sejam atendidas. Na prática, a progressão continuada tem tentado vincular-se aos ciclos, mas com o sentido classificatório de promoção dos estudantes de uma série/ano a outra/o. (POLYPHONIA, 2012, p. 99)

O grande equívoco da progressão continuada é considerá-la como sinônimo de promoção automática, sendo a responsável pela não reprovação dos estudantes dentro do ciclo. A verdadeira progressão continuada se insere em outra lógica de

avaliação e de organização do trabalho pedagógico: seu compromisso é com as aprendizagens. (POLYPHONIA, 2012, p. 98)

Silva (1997, p. 2) entende que,

O regime de progressão continuada não significa aprovação automática, muito menos desconsidera etapas de escolaridade a serem vencidas. A avaliação passa a ser o instrumento guia na progressão do aluno no seu percurso escolar, apontando as diferenças na aquisição de habilidades e conhecimentos entre os alunos e orientando o trabalho do professor na condução desse processo. Deixa de ser repressora, castradora e comparativa para ser norteadora e estimuladora do processo ensino e aprendizagem.

Para Jacomini (2009), a progressão continuada consiste na construção de um processo educativo ininterrupto, capaz de incluir e oferecer condições de aprendizagem a todos os estudantes, rompendo com a avaliação classificada, fragmentada e permeada pela reprovação anual. A progressão continuada dentro do sistema de ensino dos ciclos, não permite que os estudantes avancem sem terem garantidas suas aprendizagens. É “um recurso pedagógico que, associado à avaliação, possibilita o avanço contínuo dos estudantes de modo que não fiquem presos a grupo ou turma, durante o mesmo ano letivo” (OLIVEIRA, PEREIRA, VILLAS BOAS, 2012).

Na prática da progressão continuada “o estudante não deve repetir o que já sabe; e não deve prosseguir os estudos tendo lacunas em suas aprendizagens” (OLIVEIRA, PEREIRA, VILLAS BOAS, 2012, p. 9). A progressão dos estudantes acontece sem interrupções e sem lacunas que possam interromper a evolução do seu desenvolvimento escolar. Já na promoção automática, o estudante é promovido independentemente de sua aprendizagem, valem somente as notas obtidas.

e) **Reagrupamentos**

Os reagrupamentos são estratégias pedagógicas de trabalho em grupo que atendam a todos os estudantes, permitindo avanço contínuo das aprendizagens a partir da produção de conhecimentos que contemplem suas possibilidades e necessidades durante todo o ano letivo (CURRÍCULO EM MOVIMENTO DF, 2013,

p. 60). Nos ciclos, o trabalho pedagógico com reagrupamentos contribui para romper com a organização escolar em série, estabelecida de forma rígida e homogênea.

O reagrupamento no bloco II, do sistema de ensino em ciclos, o trabalho será organizado conforme Diretrizes pedagógicas elaboradas para o Bloco Inicial de Alfabetização (BIA). O trabalho em grupo permite ao docente dar atenção diferenciada e individualizada, favorece a participação efetiva dos estudantes com diferentes necessidades e possibilidades de aprendizagem e a avaliação do desempenho no processo. Ao estudante possibilita ser atendido nas suas necessidades, avançar nas suas potencialidades, interagir com o outro e com a sua aprendizagem, questionar suas hipóteses e compartilhar seus saberes para que se transformem em conhecimento. Os reagrupamentos não buscam a homogeneidade das aprendizagens, mas a necessidade de diferenciação e individualização promovendo ações voltadas para as reais necessidades dos estudantes, uma pedagogia diferenciada, como destacado por Perrenoud, (2006).

No planejamento das intervenções para a realização do reagrupamento faz-se necessário reorganizar os tempos e espaços da escola e, ao mesmo tempo, selecionar e organizar os conteúdos que atendam às necessidades específicas de aprendizagens enriqueçam e aprofundem os conhecimentos em conformidade com os interesses dos estudantes. Uma etapa importante dos reagrupamentos é o registro das atividades desenvolvidas e deve ser feito de acordo com as orientações da SEDF, no diário de classe e complementado nos diferentes tipos de registros dos professores envolvidos: portfólio, diário de bordo, caderno de planejamento, dentre outros. (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DO BIA, 2012).

Diferentes formas para planejar os reagrupamentos dos estudantes, veremos a seguir:

e.1) Reagrupamento interclasse

Os grupos são formados por componentes diferentes, conforme a atividade a ser desenvolvida, podendo ter professores diferentes para cada grupo de alunos. Nesse agrupamento, cada aluno pertence a grupos de acordo com as atividades

desenvolvidas para o nível de aprendizagem/necessidade do estudante, que são definidos após avaliações diagnósticas. (CURRÍCULO EM MOVIMENTO DF, 2013).

O planejamento deve ocorrer nos momentos de coordenação pedagógica a partir de objetivos definidos pelos professores envolvidos, que estabelecerão critérios intencionais de reagrupamento interclasse. São importantes que durante o planejamento desta estratégia sejam consideradas as potencialidades dos professores. As intervenções pedagógicas em cada grupo de alunos poderão ser realizadas evidenciando-se as habilidades de cada professor. (CURRÍCULO EM MOVIMENTO DF, 2013).

Uma das vantagens do reagrupamento interclasse é o fato de propiciar ao professor percepções diversas sobre os estudantes, fortalecendo a interlocução entre os professores envolvidos e tornando-os corresponsáveis pelas aprendizagens de todos os estudantes, reforçando assim o trabalho coletivo no bloco.

No momento do planejamento coletivo é preciso estar atento ao tipo de estratégias e de intervenções pedagógicas diversificando-as para que favoreçam o alcance dos objetivos. Ao propor sempre tarefas idênticas para todos os estudantes favorece-se a exclusão interna e a estratificação na sala de aula, reforçando as desigualdades já existentes, conforme ressalta Mainardes (2007), ao apontar críticas sobre a organização seriada na escola.

e.2) Reagrupamento intraclasse

É uma estratégia pedagógica que envolve todos os estudantes de uma mesma turma agrupados, de acordo com suas dificuldades de aprendizagem. Pensando na diversidade de aprendizagens, deve-se relacioná-las à diversidade de possibilidades metodológicas.

Villas Boas (2010, p. 68) destaca as vantagens da utilização de pequenos grupos:

As vantagens de utilização de grupos pequenos são as seguintes: o professor pode dar atenção individual às necessidades dos estudantes, estes se tornam ativamente envolvidos em sua própria aprendizagem e aprendem habilidades de liderança, discussão e de atuação em grupo.

É importante ressaltar a necessidade de se planejar o trabalho independente (coletivo ou individual) de forma a permitir aos estudantes a construção da autonomia com o gerenciamento do tempo e a tomada de decisões de acordo com seus interesses e habilidades.

O professor, na sua rotina semanal, deverá garantir o atendimento aos diversos grupos da sala e não apenas aos estudantes que tenham necessidades específicas. Nesse sentido Mainardes (2009, p. 84) alerta que:

A diferenciação das tarefas não deve, também, pressupor que os alunos vão progredir na sua aprendizagem pelo simples fato de receberem tarefas apropriadas ao seu nível, pois a mediação do professor e a interação com colegas mais capazes são essenciais para que a aprendizagem aconteça.

As intervenções pedagógicas, no reagrupamento intraclasse, serão definidas pelo professor, durante o planejamento, de acordo com a avaliação diagnóstica, que estabelecerá a sequência didática e os objetivos a serem alcançados de forma diversificada. No reagrupamento interclasse pode-se planejar atividades comuns a todos e atividades diversificadas. É importante pensar que o tempo das atividades deverá ser planejado para que tenham a mesma duração e evite que um grupo de estudantes conclua as atividades e se disperse. (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DO BIA, 2012).

É importante notar que as duas modalidades de reagrupamento apresentam critérios comuns (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS BIA, 2012).

- a) As intervenções pedagógicas não devem ser as mesmas do contexto diário de sala de aula.
- b) Todos os professores da unidade escolar, incluindo coordenadores pedagógicos e equipe da direção, devem estar envolvidos neste trabalho. A participação do coletivo de professores permite outros olhares sobre os

estudantes que poderão contribuir para a avaliação e o planejamento de estratégias adequadas ao reagrupamento interclasse. Além disso, o maior número de profissionais envolvidos contribui para a formação de grupos com número menor de estudantes.

- c) Os reagrupamentos devem apresentar as seguintes características: flexibilidade, dinamicidade e diversidade.
- d) O período de realização sugerido é de duas vezes por semana. Caso haja necessidade, deverá ser realizadas mais vezes, conforme planejamento da equipe escolar. A sistematização do trabalho é que trará os resultados esperados.
- e) As atividades do reagrupamento devem ser registradas no diário de classe, conforme orientações nele constantes, em fichas encaminhadas pela SEDF. No registro devem ser relacionados os objetivos e procedimentos adotados para o seu alcance com cada grupo de alunos.
- f) Faz-se necessário investimento na priorização da continuidade dos reagrupamentos para que os resultados sejam alcançados.

f) **Projeto interventivo**

O Projeto Interventivo constitui-se em um princípio destinado a um grupo de estudantes, com necessidades específicas de aprendizagem que não acompanham as situações de aprendizagem propostas para o ano em que se encontra matriculado, independente da idade. Tem como objetivo principal sanar essas necessidades assim que surjam, por meio de estratégias diferenciadas. É uma proposta de intervenção complementar, de inclusão pedagógica e de atendimento individualizado.

O desenvolvimento de projetos é uma prática educacional rica em possibilidades formativas pelo caráter que assume no trabalho escolar, pois possibilita a participação, a reflexão e a intervenção na realidade com vistas a transformá-la.

Veiga (2006) aponta algumas características significativas ao se pensar em projeto interventivo. O projeto é uma escolha coletiva e integradora de uma estratégia pedagógica centrada na produção de conhecimento, permeado por uma intenção e um caráter investigativo. É uma forma de organizar o trabalho escolar que dá unidade e sentido às várias atividades que compõem uma proposta de intervenção com foco na aprendizagem para todos.

O Projeto Interventivo deve ser permanente na sua oferta e flexível, dinâmico e temporário no atendimento aos estudantes. É importante salientar que mesmo que o aluno seja atendido no reagrupamento, caso a necessidade permaneça, o Projeto Interventivo se apresenta como outra estratégia de atendimento.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN Nº 9394/96.

Art. 12 Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

V. promover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento

Art. 24; A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

V. a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

e) – obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;

Os Projetos Interventivos devem ser elaborados pelos professores juntamente com os demais profissionais envolvidos no processo pedagógico que definirão objetivos, metodologias, formas de registro, acompanhamento e avaliação além da adequação do tempo e dos espaços para desenvolvimento do mesmo. Para Villas Boas, (2010, p. 34) “enquanto se desenvolvem as atividades de intervenção entre os estudantes, investigam-se as melhores estratégias de aprendizagem para cada um deles”. Por isso é preciso entender que o Projeto Interventivo é integrador e pertence ao grupo de educadores que compartilham os mesmos objetivos e interesses.

g) Avaliação

A concepção de avaliação, baseada no modelo classificatório da aprendizagem do aluno gera competição e estimula o individualismo na escola,

produzindo entendimentos da educação como mérito e não contribui para a democratização do saber. Villas Boas (2012) adverte que um dos problemas da educação brasileira tem sido o alto índice de reprovação dos estudantes, entendida como necessária para que o trabalho pedagógico seja considerado sério, obrigando-os a estudar.

A reprovação torna-se um fator de pressão para dedicação aos estudos para obter boas notas e não motivo para aprendizagem. Está voltado apenas para a preparação exclusiva de realizar exames e provas. Conforme Jacomini (2009, p.155),

A motivação para estudar deve estar no desejo de saber, na curiosidade de descobrir, de se aventurar por caminhos desconhecidos e de aprender coisas novas, e é nisso que a escola para todos precisa se pautar para ajudar os alunos a construir os motivos para estudar.

A proposta de organização escolar em ciclos exige mudança no processo avaliativo. A avaliação não cumpre mais a função de aprovar ou reprovar, mas sim de promover o progresso contínuo das aprendizagens dos estudantes. (CURRÍCULO EM MOVIMENTO DF, 2013).

De acordo com o currículo em movimento do DF (2013), para a construção do trabalho educativo que alcance a todos, independente das condições econômicas, culturais e sociais, condizente com a proposta do ensino escolar em ciclos, faz-se necessário que a escola promova reflexões que favoreçam o re/pensar de seus objetivos, práticas pedagógicas e avaliativas, tendo em vista o cidadão que se quer formar.

Conforme Villas Boas (2008, p. 24) “a avaliação mal praticada alia-se ao trabalho escolar desprovido de prazer e sentido não só para alunos, mas também para professores. Conceber o trabalho pedagógico no qual a avaliação faça sentido é o desafio que toda escola enfrenta”.

A avaliação ocorre em dois planos:

Avaliação formativa – “é a que promove a aprendizagem do aluno e do professor e o desenvolvimento da escola” (VILLAS BOAS, 2004, p. 30).

Conforme as Diretrizes de Avaliação Educacional do DF (2014, p. 26) os procedimentos formais de avaliação deixam claro para os estudantes e mães, pais/responsáveis que, a avaliação está acontecendo: testes, provas, lista de exercícios, deveres de casa, formulários, relatórios e outros. De modo geral, a escola dá mais ênfase aos procedimentos formais.

Na avaliação formativa ocorrem dois processos. O professor, que será informado dos efeitos reais de seu trabalho pedagógico, poderá desenvolver sua ação a partir daí. O aluno que não somente saberá onde anda, mas poderá tomar consciência das dificuldades que encontra e tornar-se-á capaz de reconhecer e corrigir seus próprios erros. Este tipo de avaliação recebe nota, conceito ou menção. (VILLAS BOAS, 2004, p. 22)

Avaliação Informal – é aquela que se dá pela interação de alunos e professores e demais membros da escola. Este tipo de avaliação deve ser conduzido com ética e geralmente os estudantes não sabem o momento em que está sendo avaliado. (VILLAS BOAS, 2004, p. 22- 23)

As Diretrizes de Avaliação Educacional do DF (2014, p.11) prevê a utilização da avaliação informal a favor do estudante, do docente e das aprendizagens. O uso formativo e, portanto, recomendável, ocorre quando identificamos as fragilidades e potencialidades desses atores e as utilizamos em favor deles mesmos, sem compará-los com outros. O ponto de partida e de chegada é fruto da avaliação diagnóstica, que deve ser permanente.

CAPÍTULO III – IMPLICAÇÕES RELEVANTES PARA ADESÃO DOS CICLOS.

A implantação do ciclo gera barreiras que precisam ser rompidas como “as barreiras sociais, políticas, econômicas e culturais que segregam as escolas e distorcem as possibilidades de aprendizagem dos alunos”. (CURRÍCULO EM MOVIMENTO DF. 2013 p.56).

A adoção dos ciclos tem produzido uma acirrada polêmica em sua implantação, principalmente entre os professores por associarem o ciclo à queda da qualidade do ensino, às mudanças curriculares, incluindo a avaliação, a reorganização dos tempos escolares e alterações no trabalho docente. Não podendo ser deixado de lado a democratização da escola como reivindicação do pleno acesso por parte das seletas camadas sociais. Evidente que não se trata de desconsiderar outros fatores que condicionam a democratização da escola, a formação de professores, as condições físicas, materiais, tecnológicas e financeiras. (MAINARDES, 2004)

a) Implicações pedagógicas

As implicações pedagógicas dos ciclos para sua implantação envolvem diversos fatores como o currículo, a promoção de alunos, avaliação da aprendizagem, a metodologia, a gestão na escola, as relações de trabalho, as condições materiais e profissionais, formação permanente de professores entre outros aspectos necessários para o seu funcionamento. Portanto se faz necessário observar em cada unidade escolar elementos com vistas a superar a seriação, já que a implantação de ciclos escolares envolve um amplo debate com todos da unidade escolar, principalmente os docentes. (Alavarse. 2009)

Alavarse (2009, p.44) sugeri algumas características de elementos a serem observados e debatidos pelas escolas com vista à superação da seriação.

- 1- Proposta político pedagógico – deve ser ancorada no diagnóstico da situação inicial, com objetivos de aprendizagem para cada ciclo e que atenda o currículo em sua amplitude;
- 2- Organização do trabalho pedagógico – engajamento da equipe de professores, articulando jornadas de trabalho e tarefas, isto é, um grupo de professores sendo responsável por um grupo de alunos. Trabalho coletivo.
- 3- Delimitação de formas e expedientes de acompanhamento das aprendizagens dos alunos que contemplem as ações pertinentes à superação de eventuais obstáculos, realçando a avaliação formativa e institucional.
- 4- Estabelecimento de procedimentos de agrupamentos dos alunos na perspectiva da diferenciação pedagógica e da individualização de percursos.
- 5- Disponibilidade de recursos materiais e ampliação dos espaços de aprendizagem, que extrapolam a sala de aula e a própria escola.

Para Jacomini (2009) os ciclos só podem ser efetivamente implementados se houver uma mudança estrutural na escola, tanto com relação às condições materiais de funcionamento quanto em relação às concepções educacionais que subsidiam a ação dos educadores.

Para Fernandes (2009, p. 117, 118),

o ciclo, mais do que uma unidade de tempo escolar, constitui-se em uma medida intermediária para confrontar a escola dentro de uma nova lógica, cujas concepções de escolarização, de tempo e espaços escolares, de conhecimento escolar, de currículo escolar, de avaliação escolar, de trabalho docente, de relação professor aluno, de relação entre escola e mundo social são distintas e entram em conflito com a lógica seriada.

Mainardes (2009) apresenta alguns aspectos essenciais que devem ser reestruturados para a implementação do programa de organização da escolaridade em ciclos relacionados ao currículo, a avaliação e orientações metodológicas.

a) Na forma de reestruturação curricular na escolarização em ciclos, sofre mudanças significativas nos tempos de espaços escolares organizacional. Não se trata de definir apenas os conteúdos ensinados em cada disciplina, mas como explica Lopes (2006. P. 153) dependem “de mudanças mais profundas nas relações sociais e culturais, e nas relações de poder, não sendo derivadas, portanto, apenas de decisões de alguns grupos favoráveis à inter-relação de determinados saberes”. Para a implantação de políticas de ciclos, o processo de reestruturação curricular necessita de uma série de medidas, conforme Mainardes (2009, p. 73), “a) uma revisão profunda do papel da escola e do conhecimento; b) a tomada de decisões acerca do modelo de organização curricular; c) definição dos conhecimentos a serem privilegiados por ano/ciclo; d) articulação entre currículo avaliação e metodologias”.

b) Formação permanente dos professores e demais profissionais da educação constitui-se como elemento importante na implantação dos ciclos. Mainardes (2009, p. 85) cita alguns aspectos para utilizar no programa de formação dos professores: Construção de um currículo que considera a diversidade cultural, trabalhos em grupo heterogêneo e utilização da avaliação formativa e diagnóstica.

Para a implantação do ensino em ciclos visando superar as limitações da escola seriada, é importante o envolvimento dos profissionais da educação para que os mesmos tornem-se sujeitos do processo e não reprodutores. Para Mainardes (2009, p. 86) “A ausência de projetos de formação continuada reforça a ideia de que os professores são apenas consumidores e executores de políticas, e não sujeitos e produtores das mesmas”.

b) Obstáculos

O ciclo de ensino propõe uma ruptura com a lógica seriada e suas práticas de reprovação. Para Mainardes (2009) a resistências dos profissionais da educação na implantação do ciclo é um fato concreto e que precisa ser bem esclarecido, principalmente nos aspectos sobre a lógica de funcionamento e dos fundamentos dos ciclos. Para essa discussão, o autor sugere como ponto de partida a análise da lógica da escolar seriada e suas consequências (seletividade, exclusão, taxas de reprovação), bem como da desigualdade e exclusão social.

A modalidade de ciclos exige uma profunda reestruturação do sistema escolar, em termos de currículo, avaliação, metodologias, formação permanente dos professores entre outros aspectos (MAINARDES, 2009).

Para Alavarse (2009), os ciclos também demandam uma revisão dos programas de ensino que estabeleça outros marcos curriculares, pode ser irresponsabilidade política atribuir aos profissionais da escola, a tarefa de forjar um novo modelo curricular que transcenda as clássicas divisões disciplinares.

Um dos obstáculos adicionados à implantação dos ciclos, gerando resistências dos docentes, o fato de não terem sido estabelecidos os direitos legítimos de divergências e o fato de que as condições estruturais e organizacionais das escolas não foram devidamente alteradas para que o desenvolvimento da prática que envolve o processo de implantação dos ciclos escolares pudesse acontecer. Mainardes (2001, p. 51) adverte que:

Sem o esforço conjunto dos gestores do sistema educacional, das unidades escolares, dos educadores e demais profissionais envolvidos, vinculados aos esclarecimentos feitos aos pais, a alunos, mudanças tão radicais como a organização em ciclos poderão fragilizar, ainda mais, a estrutura e o funcionamento das escolas, causando prejuízos muito sérios ao processo de aprendizagem e constituição de sujeitos.

Considerando ainda, as alterações entre a formulação e implantação dos ciclos, as dificuldades em superar o modelo de seriação ou as próprias condições de implantação, Sousa e Barreto (2004, p. 68-69) apontam que:

[...] a concepção dos ciclos não se define tão somente pelos grandes contornos que certas políticas lhe conferem, e como as gestões mudam e as escolas ficam certamente o significado dos ciclos tem também muito a ver com o sentido que lhe atribuem os próprios atores educacionais que neles têm colocado a esperança de uma escola melhor para todos, ou que os encaram com desconfiança e descrédito ou, ainda, que incorporam apenas alguns traços do novo às velhas práticas escolares.

c) Desvantagens para uma escola em ciclos:

Com bases em pesquisas Mainardes (2009, p. 69-70) evidencia algumas desvantagens para a escola em ciclos:

1. Reprovação apenas postergada no final do ciclo;
2. Alunos aprovados de um ano para o outro com dificuldades de aprendizagem ou em nível restrito de apropriação dos conhecimentos;
3. A escola em ciclo pode produzir novas práticas de exclusão e seletividades, esclarecendo, o aluno com dificuldade é deixado para trás, não progredindo na aquisição de novas aprendizagens, acaba permanecendo no ciclo de retenção;
4. Implantação de forma descuidada, sem a devida atenção à formação dos professores, a definição de propostas claras de currículo e avaliação, criação de estratégias de suporte aos alunos. Para Libâneo (2006) as experiências de organização da escola em ciclos podem levar a um empobrecimento ou esvaziamento dos conteúdos.

d) Vantagens para uma escola em ciclos:

Conforme Mainardes (2009, p.67-68) uma escola em ciclos:

- a) Permite uma ruptura total ou parcial com a reprovação.
- b) A formulação de uma política em ciclo impulsiona o processo de revisão das concepções de homem, mundo, sociedade, educação, conhecimento e papel da escola.
- c) A organização da escolaridade em ciclo oportuniza mais tempo para a aprendizagem dos alunos, permitindo sua continuidade na aprendizagem.
- d) A política de ciclos implantada de forma responsável cria condições de acesso e garantia de permanência do aluno na escola.
- e) Alunos com a mesma faixa etária.
- f) Novos investimentos na educação: oferta de estudos complementares (classes de apoio), diminuição do número de alunos em sala, aquisição de materiais pedagógicos, formação permanente de professores.

METODOLOGIA

A pesquisa científica “é um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico que permitem descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis no campo atual do conhecimento” (ANDER-EGG apud SCHLUTER, 2003. p. 27). A metodologia serve para facilitar a comunicação dos objetivos propostos com a culminância dos resultados que se pretende alcançar.

Com base na análise dos objetivos, esta pesquisa adota a abordagem qualitativa para enfatizar as interações do segmento de professores da escola, permitindo avaliar os resultados do coletivo, embasando os estudos teóricos.

A abordagem qualitativa parte de princípios subjetivos para direcionar o desenvolvimento da pesquisa permitindo a análise e interpretação dos resultados, de maneira a *garantir a representatividade do conjunto do universo e de modo diferenciado em função das características do problema investigado* (THIOLLENT. 1998. p. 62).

a) Tipos de pesquisa

Esta abordagem envolve a obtenção de dados descritivos obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada e se preocupa em retratar a perspectivas dos participantes. O estudo qualitativo segundo que se desenvolve numa situação natural é rico em dados descritivos e tem como plano aberto, flexível e focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada. Portanto esta pesquisa prevê uma ação conjunta de estratégias planejadas e integradas para gerar conhecimentos necessários sobre a não aceitação por parte dos docentes na implantação do segundo ciclo de ensino.

b) Sujeitos da pesquisa

Essa pesquisa será realizada com 22 professores do ensino fundamental de 9 anos e 3 coordenadores pedagógicos da escola sucessos.

c) Instrumento\procedimento para coleta de dados

Os instrumentos a ser utilizados na coleta de dados serão questionários que, segundo Prodanov (2013. P. 108) é definido como “*uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante (respondente)*”. O questionário será composto de 3 questões referentes a dados pessoais e 10 referentes organização da seriação e dos ciclos de ensino. As questões serão: 3 de múltiplas escolhas, 3 fechadas com justificativas, 3 fechadas e 1 questões com apenas um item para justificar.

Será analisado também o tempo de atuação em sala de aula e do ano/série de ensino do docente em 2013 e 2014. Será dada também maior atenção às respostas dos profissionais que atuam no 4º e 5º anos do ensino fundamental de 9 anos que compõem a formação do segundo ciclo.

d) Universo da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com os professores e coordenadores da escola classe sucessos. Os questionários foram entregues num dia e recolhidos no outro. Nem todos os professores devolveram, no universo de 22 professores do Ensino Fundamental de 9 anos apenas 14 professores devolveram o questionário respondido. Todos os coordenadores pedagógicos responderam ao questionário.

e) Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdos que segundo Pradanov (2013 p. 113) “é o processo com uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a sua categorização, sua interpretação e a redação do relatório”.

Parte I

Os dados da parte I correspondente a formação dos professores e coordenadores, demonstra que todos dos 17 respondentes 13 têm formação de pós-graduação (especialização em gestão, orientação educacional, ensino especial,

psicopedagogia e coordenação pedagógica), e 3 com graduação em pedagogia e 1 em matemática.

Tempo de atuação na área de educação:

Anos	Nº DE PROFESSORES	Nº DE COORDENADORES
01 – 08	2	1
09 – 16	6	1
17 – 24	3	1
25 – 33	3	

Como podemos notar os resultados da tabela temos 12 professores e 2 coordenadores com maior de tempo de atuação na área da educação. Isto significa que 82% dos respondentes possuem a prática pedagógica para o ensino.

Todos os 3 coordenadores pedagógicos respondentes assumiram a função em 2013 e estão atuando também, como coordenadores pedagógicos em 2014.

Dentro os professores, a maioria trabalha com ciclo dentro do Bloco inicial de alfabetização. Dos nove citados em 2013 apenas um não atuou com o Bloco inicial de Alfabetização.

SÉRIE/ANO	2013	2014
BIA (1º, 2º e 3º ANO)	9	9
4º ANO CICLO	2	
4º ANO SERIAÇÃO	1	2
5º ANO SERIAÇÃO	2	
5º ANO CICLO		3

Convém relatar que a escola pesquisada trabalhou em 2013 com o segundo ciclo de forma “imposta” pela e “pressionado” pelos gestores e superiores a este, mas para 2014 foi feita uma reunião com presença de professores, servidores e alguns pais, onde decidiram que não estariam trabalhando com o segundo ciclo, conforme orientação para o processo de adesão à organização escolar em ciclos (2º

ciclo 2º bloco – 4º e 5º anos) da circular conjunta nº 06/2013 SUBEB/SUPLAV-SEE/DF (anexo 1). Desta forma, a escolas está trabalhando com o 4º ano seriação e o 5º segundo ciclo.

Quanto a este aspecto Mainardes (2009, p. 86) explicita que a implantação dos ciclos de “cima para baixo” tem sido determinante para que os profissionais sintam-se meros executores das políticas públicas. E com relação à escolha de não estar trabalhando com o segundo ciclos em 2014, atendemos ao alerta de Freitas (2003) quando ele externa sua preocupação que o regime de ciclos fosse de forma experimental. Desse modo as autoridades demonstraram mais respeito à escolha dos docentes, responsáveis diretos pela execução das atividades em sala de aula.

Parte II

As questões 1 e 2 foram relacionadas ao conhecimento sobre os ciclos, todos os professores e coordenadora responderam que sim, e as informações foram obtidas por intermédio de cursos, palestras, reuniões promovidas pelas instituições de ensino e pela Secretaria de Educação do Distrito Federal. 2 respondentes responderam também que obtiveram informação na internet, livros, artigos por conta própria.

Mesmo que todos os docentes afirmem que obtiveram informações sobre os ciclos de ensino, em cursos promovidos pela SEDF, Mainardes (2009. P. 84) afirma que em muitos casos, “os professores têm acesso apenas a informações básicas”, sendo necessária a ampliação do conhecimento com mais oportunidades de estudos e discussões sobre os ciclos, cita (2009 p. 84):

Além da participação nas decisões relacionadas à política de ciclos propriamente dita, seria ideal que os profissionais da educação participassem das demais decisões e encaminhamentos relacionadas à política d ciclos, tais como: a definição de princípios pedagógicos, a reestruturação curricular, a definição do sistema de avaliação etc.

Na questão 3 foi questionado a respeito da metodologia utilizado nas turmas de seriação se é igual à utilizada em turmas de ciclo. Para os coordenadores, 2 disseram que são diferentes e justificaram:

“O trabalho em ciclo procura respeitar o tempo de aprendizagem da criança, enquanto a metodologia da seriação não, o professor trabalha de forma diversificada”. (citação de um coordenador).

Para os professores 3 responderam que não, justificando a questão da não reprovação no ciclo. 11 professores responderam que a metodologia utilizada no ciclo e na seriação são iguais, justificando:

“A metodologia utilizada pelo docente não depende da implantação do ciclo, pois mesmo na seriação, estratégia como reagrupamento, projetos, reforço, etc. podem ser utilizados conforme a necessidade.” (citação de respondente).

“Para o professor comprometido, tanto faz ser ciclo ou série, pois suas metodologias e práticas visam resultados e sucesso.” (citação de respondente).

“Para o professor que quer ter bons resultados com a turma irá adaptar-se e tirar proveito da metodologia.” (citação de respondente).

Para Mainardes (2009), o processo de ensino aprendizagem quer na escola seriada ou em ciclo, o uso de metodologias são diversificados. No contexto da escola em ciclo, as orientações metodológicas para o processo de ensino aprendizagem tornam-se um aspecto relevante e desafiador, sendo imprescindível aos professores, conforme cita Mainardes (2009 p. 80).

Ter clareza a respeito de questões essenciais, tais como: o trabalho pedagógico com classes bastante heterogêneas (alunos com diferentes níveis de aprendizagem em uma mesma classe); o planejamento de atividades diferenciadas; as possibilidades de sistematização do ensino e do planejamento de intervenções necessárias para a classe como um todo, para grupos específicos e para alunos individualmente.

Nas questões 4 e 5 foi questionado a respeito das estratégias pedagógicas utilizada na turma atual e na estrutura dos ciclos.

Estratégias utilizadas	Prática atual	Prática dos ciclos
reagrupamento intraclasse	16	14
reagrupamento interclasse	15	16
projeto interventivo	11	13
avaliação formal/informal	14	15
reforço escolar	14	13
teste da psicogênese	13	12

Analisando os resultados, percebe-se que os professores tem conhecimento das estratégias pedagógica dos ciclos, porém ainda há uma insegurança com relação aos elementos que compõem a prática pedagógica. Os professores que estão atuando em 2014 com o 4º ano seriação, utilizam o reagrupamento intraclasse, a avaliação formal/informal e o reforço escolar na sua prática pedagógica.

Os professores estão vivendo um momento de confusão quanto as suas práticas pedagógicas, exercidas na seriação e ao mesmo tempo nos ciclos de ensino. Não sabem distinguir ainda, qual estrutura pedagógica é a mais eficiente, qual deve usar e como fazer. Mainardes (2009 p. 79, 80) reconhece essa confusão de práticas,

Embora algumas concepções metodológicas sejam predominantes no discurso oficial, é preciso reconhecer que as práticas escolares são multifacetadas. Os professores têm suas histórias, suas concepções, crenças, modos de ensinar e não se apropriam do discurso dominante (e que oscila de tempos em tempos, de acordo com as arquiteturas político-partidárias e ideológicas) por uma adesão pura e simples.

Com relação à avaliação questionada na questão 6. Para 7 professores que estão atuando com o BIA em 2014, o processo avaliativo da seriação e dos ciclos é igual. Para os demais professores e coordenadores num total de 13 respondentes são diferentes. Para Alavarse (2009 p. 85),

a avaliação deve indicar e nortear os desafios que os alunos enfrentam, o que significa organizar o processo de ensino, inclusive as atividades complementares que se fizerem necessárias. Portanto, mais uma vez a avaliação não pode se confundir com a aprovação ou retenção do aluno. Sua única e exclusiva razão estaria em subsidiar sua aprendizagem.

No sistema seriado a avaliação tem seu peso e seu lugar. Os procedimentos e instrumentos avaliativos privilegia quem se apropria do conhecimento escolar, considerando suas origens e sua densidade, traduzem em mecanismos de ação seletiva da escola. Já no sistema escolar organizado em ciclo, a avaliação é encarada como um desafio da aprendizagem e deve buscar articular o objetivo de desenvolvimento com o conhecimento dos alunos, permitindo aprendizagens significativas. (ALAVARSE. 2009).

A questão 7 questiona se a reprovação é uma saída para o déficit de aprendizagem do aluno. 6 respondentes sugeriram a reprovação do aluno como uma saída para o déficit de aprendizagem justificando que:

“Em alguns casos não dá para avançar um aluno que não possui pré-requisitos e já foi feito de tudo e não houve resultados”. (citação de respondente)

Para maioria dos respondentes (11) que colocam que a reprovação não é uma saída para o déficit de aprendizagem, justificaram:

“Não se trata de uma saída, mas os pré-requisitos mínimos são necessários para a promoção dos alunos e estes não devem ser desconsiderados”. (citação de respondente)

“É preciso resgatar pré-requisitos que estejam faltando, porém a reprovação nem sempre promove isso, além disso, é necessário observar outros aspectos, sociais, emocionais, etc.” (citação de respondente).

“Talvez o que falta é o professor investigar mais profundamente a origem da dificuldade da criança em que ela apresenta facilidade para intervir de forma mais eficaz.” (citação de respondente).

“Reprovar por reprovar não é garantia para o aluno recuperar requisitos que não foram assimilados.” (citação de respondente).

Para Jacomini (2009) a reprovação era tida como “uma nova chance de aprendizagem” para o aluno. Com o passar dos tempos tornou-se uma “instrumento de pressão” para garantir a disciplina, realizar tarefas etc. Com o ensino organizado em ciclos, os pressupostos que determinam os processos educativos devem ser organizados para atender o desenvolvimento e a aprendizagem. Portanto para Jacomini (2009 p. 562),

Os ciclos requerem uma reorganização dos tempos e espaços escolares, do currículo, da avaliação, da relação professor/aluno/ comunidade com o objetivo de permitir maior centralidade na aprendizagem.

E Jacomini apud Perrenoud (2009 p. 562) alerta para os ciclos de aprendizagem que por si só “não suscitam situações e aprendizagens mais mobilizadores ou com mais sentido”. Portanto, “não basta implantar os ciclos, e fundamental a construção de espaços educativos favoráveis à aprendizagem e a formação dos alunos”.

Na pergunta número 8, foi questionado a respeito das dificuldades para a implantação do segundo ciclo. 2 respondentes consideraram que nenhuma das alternativas implicariam na implantação do ciclo. Dentro os itens, os mais votados foram: às atividades diferenciadas conforme nível de aprendizagem dos alunos em primeiro e; o currículo escolar; e a forma da política de implantação em segundo.

ÍTEMS	Nº DE RESPOSTAS
Currículo escolar	9
Avaliação formativa	8
Novas metodologias de ensino	7
Forma da política de implantação	9
Formação permanente do professor	8
Atividades diferenciadas conforme níveis e necessidades de aprendizagem dos alunos	10
Progressão continuada	7
Nenhuma das respostas	2

Considerando as respostas, concluímos que os professores têm dificuldades em desenvolver atividades diferenciadas para realizar os reagrupamentos interclasse e intraclasse. Diante desta questão Mainardes (2012 p. 9) destaca a importância da atuação da equipe pedagógica das escolas.

... Cabe à equipe pedagógica das escolas fazer a mediação entre a proposta de ciclos da rede e a sua efetivação na escola e nas salas de aula. (...) a implantação de ciclos pressupõe uma alteração significativa nos processos de avaliação e desenvolvimento curricular. (...) Os professores precisarão trabalhar com os princípios da avaliação formativa e da pedagogia diferenciada para atender a heterogeneidade das escolas.

Nesta questão nº 9 foi sugerido qual seria a melhor maneira para a organização escolar, e a mais votada foi à organização escolar mista, com ciclo (BIA) e seriação de 4º e 5º anos.

Forma de organização	Nº de respostas
Ser organizada totalmente em séries (1ª à 4ª séries)	4
Ser organizada totalmente em ciclos (II ciclo – 1º ao 5º ano)	3
Ser mista, formada por ciclos (somente BIA) e séries (4ª e 5º anos).	10

Diante deste resultado, a LDBEN Nº 9394/96 no artigo nº 23 assegura “forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar”. Alavarse apud Perrenoud (2009 p.81) nos adverte com relação à forma desigual de organizar as práticas pedagógicas de forma diferenciada,

Quando se trata de modificar as práticas pedagógicas, nos defrontamos com resistência ativas ou estratégias de fuga de atores suficientemente autônomos e hábeis para rejeitar – aberta ou veladamente - toda inovação vinda de fora, a menos que lhes ofereçamos a possibilidade e o poder de se apropriarem delas e de as reconstruírem no seu contexto. Não se podem mudar as representações, as práticas, as culturas profissionais por decreto.

E a última questão (nº 10), foi questionada se o respondente era favor ou contra a implantação do segundo ciclo, e a maioria optou pela não implantação do segundo ciclo. Nesta resposta 2 dos 3 coordenadores também são contra a implantação do segundo ciclo.

	Nº DE RESPONDENTE
A favor da implantação do segundo ciclo	4
Contra a implantação do segundo ciclo	12
Não respondeu	1

Um dos respondentes que é a favor da implantação do segundo ciclo justificou sua resposta:

“Dentro de uma mesma escola é necessário trabalhar com uma mesma filosofia, metodologia, segundo as diretrizes estabelecidas por uma liderança que no caso é a Secretaria de Educação; que tem acompanhado as tendências mais coerentes com a atualidade.” (citação de respondente).

As justificativas dos respondentes que são contra a implantação do segundo ciclo, se referem à progressão continuada e aos pré-requisitos.

“As estratégias propostas pelo ciclo são boas e as utilizo na minha prática pedagógica, no entanto não concordo com a progressão continuada que desconsidera os pré-requisitos mínimos necessários para que os estudantes possam cursar a série/ano seguinte e provoca um acúmulo ainda maior de dificuldades.” (citação de respondente).

“A qualidade da aprendizagem está caindo muito. Está frequente o número de crianças no 4º ano com a alfabetização não concluída. O 4º ano é uma transição, muito estudantes não se adaptam a ela.” (citação de respondente).

“Muitos alunos chegam ao 4º ano sem estarem alfabetizados, é torna difícil de ser trabalhado, pois os conteúdos são muitos.” (citação de respondente).

“A partir do 3º ano deve existir sim, a retenção, pois o aluno já deve ter maturidade e responsabilidade em seu processo escolar, se não houve rendimento com certeza existem dificuldades no processo de aprendizagem.” (citação de respondente).

Diante das respostas, para os professores da escola pesquisada, o segundo ciclo ainda não é a forma de organização escolar que eles desejam. Mainardes (2009 p. 93) aconselha a investir em debates para que os docentes possam avaliar melhor a organização do sistema escola em ciclos.

As políticas de ciclos precisam ser debatidas no contexto escolar (e também nos cursos de formação) pra que os profissionais da educação possam compreendê-las criticamente e sentirem-se mais desafiados e estimulados a encontrar respostas criativas aos problemas e desafios que os ciclos apresentam.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada na escola classe sucessos sinalizou a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre o sistema de ensino em ciclo, pois os professores tiveram acesso apenas a informações básicas, o que pode ter contribuído para a não aceitação da implantação do segundo ciclo de ensino.

A forma como aconteceu à mudança de escola seriada para escola em ciclos foi “despejada” e os professores não conseguiram entender exatamente quais seriam essas mudanças em suas práticas pedagógicas. A implantação da escola em ciclos precisa ter princípios norteadores claros e ações governamentais concretas para subsidiarem as novas práxis para o pleno desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem do aluno.

Alguns aspectos sinalizados pelos respondentes nos questionários influenciaram na não implantação do segundo ciclo nesta escola: a falta de conhecimento de natureza pedagógico em questões relacionadas às alterações do currículo; mudanças na forma de avaliação e de avaliar o aluno; as novas práticas metodológicas diferenciadas para melhor atender os diferentes níveis e necessidades de aprendizagem do aluno ou de um grupo de alunos; melhor compreensão dos termos de aprovação/reprovação, progressão continuada e promoção automática, mediante ao processo de ensino aprendizagem do aluno; motivação dos professores para receber o novo, deixar as velhas práticas de avaliação da aprendizagem, para construir novas ações, capazes de promover a qualidade de ensino.

Apesar das barreiras e dificuldades enfrentadas pelo grupo de professores, a implantação do segundo ciclo irá acontecer mais cedo ou mais tarde. Portanto, cabe aos gestores e responsáveis locais/regionais criar meios de participação e canais de discussão abertos permitindo aos professores uma compreensão mais aprofundada dos elementos necessários para a implantação do sistema de ensino em ciclo. E, ao

governo, cabe criar ações concretas, suprir as necessidades materiais e humanas para subsidiar as novas práticas pedagógicas, favorecendo o pleno desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ALAVARSE, O. M. **A organização do ensino fundamental em ciclos: algumas questões.** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 2009.
- ARROYO. M. G. **Ciclos de desenvolvimento e formação de educadores.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 20, n. 68. 2003
- BRASIL, **Lei 9.394, de 29 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**
- DISTRITO FEDERAL, **Currículo em movimento.** Educação Básica. 2013.
- DISTRITO FEDERAL, **Diretrizes Pedagógicas do BIA.** 2012.
- DISTRITO FEDERAL, **Diretrizes da Avaliação Educacional.** 2014
- ESCOLANDO, A. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: VIÑAO, F. A & ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FERNANDES C. **Escolaridade em ciclos: desafios para a escola do século XXI.** Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- FREITAS, L. C. **Ciclos, seriação e avaliação. Confronto de lógicas.** São Paulo: Moderna, 2003.
- GOMES, A. **Democratização do ensino em questão: a relevância política do fim da reprovação escolar.** 2004. Dissertação (mestrado em educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- JACOMINI, M. A. **Educar sem reprovar: desafio de uma escola para todos.** 2009. Artigo (Tese de doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.
- LIBÂNEO, J. C. **Sistema de ensino, escola, sala de aula: onde se produz a qualidade das aprendizagens?** In LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Orgs.) Políticas de currículo em múltiplos contextos. São Paulo: Cortez, 2006. P. 70-125
- LOPES, A. C. **Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos?** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 26, maio/ago. 2004, p. 109-118.
- MAINARDES, Jefferson. **Reinterpretando os Ciclos de Aprendizagem.** São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. **A Escola em Ciclos: fundamentos e debates.** São Paulo: Cortez, 2009.
- _____. **A organização da escolaridade em ciclos no contexto do Ensino fundamental de Nove Anos: reflexões e perspectivas.** Jornal de Políticas Educacionais. Nº 11/janeiro-junho de 2012/PP.03-11b

PAOLI, J. P.; COSTA, M. R. DA. **Os ciclos de formação no contexto da democracia política: o discurso pedagógico no cotidiano escolar**. In MOLL, J ET AL. Ciclos na escola, tempos na vida: criando possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2004. P. p. 133-152.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à relação das aprendizagens. Entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível no Moodle: <http://moodle.mec.gov.br/unb/mod/lesson/view.php>.

SILVA, R. N. da. **Aprendendo sem parar. Escola agora: aprendendo sempre**. São Paulo: Secretaria de Estado da educação, ano III, n 15, dez. 1997. p.2.

THILLEN, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 8 Ed. São Paulo. Editora Cortez. 1998

VASCONCELLOS, C. dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.0

VIEIRA, S. L. Políticas(s) e gestão da Educação Básica: revisitando conceitos simples. **Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, jan/abr. 2007, p. 53-69.

VILLA BOAS, B. M. de F. **Virando a escola do avesso por meio da avaliação**. Campinas/ SP: Papyrus, 2008.

VILLAS BOAS, B. M. de F. **Projeto de intervenção na escola: mantendo as aprendizagens em dia**. Campinas/SP: Papyrus, 2010.

VILLAS BOAS, B. M. de F. Sentido da avaliação na escola em ciclos. Publicado em <http://gepaavaliacaoeducacional.com.br>. Dez. de 2012, Junho/2014.

VILLAS BOAS, Benigna M. deF.; PEREIRA, Maria Susley; OLIVEIRA, Rose Meire da S. e. **Progressão continuada: equívocos e possibilidades**. Texto a ser publicado, 2012.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

QUESTIONÁRIO

Caro (a) respondente,

Este questionário faz parte da pesquisa de campo do curso de Especialização em Gestão Escolar, promovido pela Universidade de Brasília – UnB sobre o tema “Ciclo x Seriação: desafios e possibilidades”. Sua participação é muito importante e não necessitará ser identificada. Desde já agradeço a colaboração.

Parte I

I- Área de formação (pode marcar mais de um item)

- a) () magistério
- b) () graduação em Pedagogia
- c) () graduação – licenciatura
- d) () especialização. Especificar: _____

II- Tempo de atuação na área de educação: _____ anos

III- Atuou como regente em 2013 com:

- a) () BIA (1º, 2º e 3º ano)
- b) () 4º ano ciclo
- c) () 4º ano seriação
- d) () 5º ano seriação
- e) () supervisor/coordenador/gestor

IV- Atua como regente em 2014 com:

- a) () BIA (1º, 2º e 3º ano).
- b) () 4º ano seriação
- c) () 5º ano ciclo
- d) () 5º ano seriação
- e) () supervisor/coordenador/gestor

Parte II

1- Você conhece a estrutura escolar organizada em ciclos?

sim Não

2- Se sua resposta anterior for “sim”, como obteve essa informação?

- Através da SEDF em cursos, palestras, reuniões, etc.
- Por meio de reuniões promovidas na instituição escolar pelos gestores
- Na Internet, através de livros, artigos, etc. por conta própria.

3- Para você o trabalho docente (metodologia) realizado em turmas organizadas em séries é igual às turmas organizadas em ciclos?

sim Não

Justifique sua resposta.

4- Marque um x nos elementos que fazem parte da sua prática pedagógica de hoje.

- reagrupamento intraclasse
- reagrupamento interclasse
- projeto interventivo
- avaliação formal/informal
- reforço escolar
- teste da psicogênese

5- Considerando os seus conhecimentos marque um x nos elementos indispensáveis a estrutura pedagógica dos ciclos de ensino.

- reagrupamento intraclasse
- reagrupamento interclasse
- projeto interventivo
- avaliação formal/informal
- reforço escolar
- teste da psicogênese

6-De acordo com sua experiência e conhecimento, o processo avaliativo em escolas organizadas em séries e ciclos:

- a) É igual.
 b) É diferente.
 c) Não sei responder, por quê? _____

7- Para você, a reprovação é uma saída para o déficit de aprendizagem do aluno?

- sim não

Justifique: _____

8-Marque um x nos itens que para você dificulta na implantação do segundo ciclo de ensino (4º e 5º anos):

- currículo escolar
 avaliação formativa
 novas metodologias de ensino
 forma da política de implantação
 formação permanente do professor
 atividades diferenciadas conforme níveis e necessidades de aprendizagem dos alunos
 progressão continuada
 nenhuma das respostas

9-Em sua opinião, a escola para ter melhor qualidade quanto à aprendizagem dos alunos deveria:

- a) Ser organizada totalmente em séries (1ª à 4ª séries)
 b) ser organizada totalmente em ciclos(II ciclo – 1º ao 5º ano)
 c) ser mista, formada por ciclos (somente BIA) e seriação (4ª e 5ª anos).

10-Você é a favor ou contra a implantação do segundo ciclos de ensino? Justifique sua resposta. _____